

A Grammatica Portugueza para uso da Escola Portugueza de Trangambar
e o contraste entre línguas

Maria Filomena GONÇALVES
Universidade de Évora/ECS_DLL
CIDEHUS.UÉ/FCT UIDB/00057/2020
mfg@uevora.pt

Resumo

Em Trangambar (Tranquebar), costa de Coromandel (Índia), entre 1725 e 1731, veio a lume uma *Grammatica Portugueza*. Publicada na missão dinamarquesa daquela localidade, a obra tem quatro partes, atentando cada uma em diferentes aspetos da língua portuguesa. O seu autor, Nikolaus Dal (1690-1747), era um alemão nascido na Dinamarca, que aprendeu português na Índia, língua na qual redigiu várias obras. A existência de uma escola portuguesa em Tranquebar, que nunca foi possessão portuguesa, mostra a importância do português naquela região, onde funcionava como “língua franca”, e justifica a impressão de uma gramática. O propósito deste trabalho é contextualizar a gramática de Dal na chamada “linguística missionária” e na gramaticografia portuguesa. São examinadas, entre outras, as seguintes matérias expostas nas quatro partes da gramática: o confronto da pronúncia do português com outras línguas europeias e com a língua local (tâmil), e alguns aspetos do léxico.

Palavras-chave: *gramática; português; Índia; missão dinamarquesa;*

Abstract

In Trangambar (Tranquebar), on the coast of Coromandel (India), between 1725 and 1731, a *Grammatica Portugueza* came to light. Published in the Danish mission of that locality, this work has four parts, each focused to different aspects of the Portuguese language. Its author, Nikolaus Dal (1690-1747), was a German born in Denmark, who learned Portuguese in India, a language in which he wrote several works. The existence of a Portuguese school in Tranquebar, which was never a Portuguese possession, shows the importance of Portuguese language in that region, where it functioned as a "lingua franca", and justifies the printing of a grammar. The purpose of this study is to contextualize Dal's grammar in the so-called "missionary linguistics" and in Portuguese grammaticography. The following subjects exposed in the four parts of the grammar are examined, among others: the comparison of the pronunciation of Portuguese with other European languages and with the local language (Tamil), and some aspects of the lexicon.

Keywords: *grammar; Portuguese; India; Danish mission*

Ha os Dialectos ultramarinos, e conquistas de Portugal, como India, Brasil, &c, os quaes tem muytos termos das linguas barbaras, & muytos vocabulos do Portuguez antigo (Argote 1725: 300).

1. Introdução

A “linguística missionária” tem-se vindo a afirmar, nas últimas décadas, como domínio especializado da Historiografia Linguística que se centra em textos que, resultantes do contacto de falantes de línguas europeias com línguas asiáticas, africanas e americanas (Zwartjes 2011), trouxeram ao conhecimento dos ocidentais a riqueza e diversidade linguística de paragens remotas e desconhecidas. Produzidos em contexto de missão religiosa, muitos desses textos constituem exercícios de linguística contrastiva *avant la lettre*, porquanto a descrição das características das chamadas línguas “exóticas” (Buescu 1983) implica necessariamente um “encontro cultural” (Lieban 2018) de línguas europeias europeu com línguas não europeias (Verdelho 2008), com diferente tipologia e tradição. Escritas por missionários, essas obras repartem-se, predominantemente, pela tríade gramática, dicionário e catecismo, à qual acresce a “cartilha”¹, texto didático que se destinava a iniciar os “gentios” na leitura da língua portuguesa para auxiliar a conversão dessas populações.

Em obra que hoje é uma referência obrigatória da linguística missionária relativa ao português, Zwartjes (2011) compulsou os trabalhos escritos por religiosos portugueses que evangelizaram na Ásia, em África e no Brasil, analisando a contribuição dos vários autores e obras que integram a tradição interlinguística que reúne o português e línguas daqueles territórios. É certo que anteriormente já dispúnhamos de alguns inventários dessa produção (Buescu 1983; Cardoso 1994; Verdelho 2008) que, fruto do labor missionário na sua maior parte, revelou, em português, a diversidade linguística. Esses textos, que derivam de um processo de “convívio linguístico” (Verdelho 2008: 2) e assentam na observação direta, ampliaram o conhecimento empírico de línguas ignotas ou das quais apenas se tinha, até então, notícia indireta.

¹ Os textos canónicos da chamada tríade codificadora são a gramática, a ortografia e o dicionário (Gonçalves 2018), géneros textuais metalinguísticos de escopo normatizador. No entanto, processos e mecanismos metalinguísticos ocorrem igualmente em géneros textuais sem objetivos metalinguísticos, como, por exemplo, as narrativas em que missionários e naturalistas descrevem a fauna e a flora com que se deparavam em territórios extra-europeus (Gonçalves & Murakawa 2009; Gonçalves 2019).

Dispomos, pois, de um quadro geral das gramáticas, dicionários, cartilhas e catecismos que, redigidos em língua portuguesa por missionários portugueses, atentam em línguas de diferentes tipologias, famílias ou ramos, línguas essas que ou eram ágrafas ou tinham sistemas de escrita distintos da alfabética (latina).

Na linguística missionária poder-se-ão incluir, contudo, os textos produzidos por missionários falantes de outras línguas maternas, os quais, para o convívio com as populações locais, tinham necessidade de aprender a língua portuguesa, porquanto esta funcionava como “língua franca”, vale dizer, língua de intercurso na prática do comércio, da evangelização e da comunicação quotidiana com aloglotas.

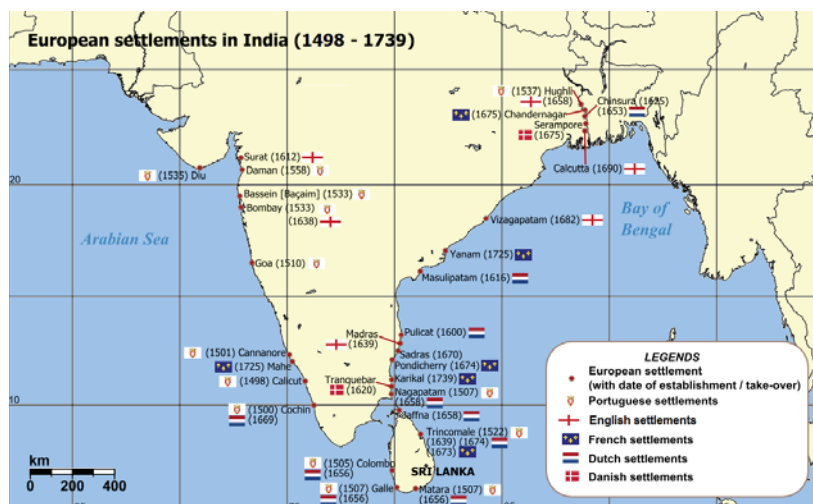
É neste capítulo da linguística missionária que se integra a gramática publicada, entre 1725 e 1731, na real missão dinamarquesa de “Trangambar” (i.e. Tranquebar), na costa de Coromandel (costa leste da Índia). A missão dinamarquesa, cuja história social e religiosa foi estudada por Lieban (2018), integrava-se na concorrência entre europeus pelos produtos da Índia, disputa que levava à criação de uma Companhia das Índias Orientais e ao envio de uma primeira missão para aquele território em 1618. O rei de Tanjor concedeu-lhes parte de Tranquebar, localidade próxima de Nagapatão (i.e. Nagappattinam). De 1624 a 1814, Tranquebar e os seus arredores permaneceram sob o controlo da Dinamarca, conquanto o número de dinamarqueses fosse extremamente reduzido durante boa parte do século XVII, e só a finais desse século, no reinado de Frederico V (1690-1730), se instalaram em Tranquebar os primeiros missionários protestantes (Lopes 1936: 22), a saber, Ziegenbalg (1682-1719), Plütschau (1677-1752) e Gründler (1677-1720). Este último, numa carta escrita do Cabo da Boa Esperança a amigos na Dinamarca e na Alemanha, comenta que nos dois meses a bordo se dedicou a aprender português (Lopes 1936: 49; Fluck 2021: 42). Em Tranquebar, os missionários mandaram vir de Batávia² (i.e. atual Jacarta) uma gramática da língua portuguesa para auxiliar na aprendizagem da língua. O malabar³ ou tâmul aprenderem-no em convívio quotidiano com a população local, embora durante cerca de dois anos se tenham socorrido de um intérprete malabar (Niecamp 1745: 5) que, além da língua materna, falava português, dinamarquês, holandês e alemão.

² Era a capital das Índias Ocidentais Holandesas.

³ O tâmil já tinha sido objeto de uma gramática redigida em latim por Ziegenbalg (1716), um dos primeiros missionários a instalar-se em Tranquebar: Ziegenbalg, B. (1716). *Grammatica Damulica, quae pervaria paradigmata, regulas & necessarium vocabulorum apparatus, vian brevissimam monstrat, que lingua Damulica seu Malabarica [...]*. Halle an der Saale: Orphanotrophei (Muru 2018). Ziegenbalg é também autor de um catálogo anotado de textos em tâmil – *Bibliotheca Malabarica* (Bartholomäus 2012), disponível em: <https://doi.org/10.4000/books.ifp.625>.

A missão de Tranquebar, que seguia o modelo das “fundações protestantes de Halle”, na Alemanha, tinha uma oficina impressória⁴ e uma escola (Fluck 2021: 40).

Figura 1 – A missão dinamarquesa de Trangambar



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Tharangambadi#/media/Ficheiro:European_settlements_in_India_1501-1739.png

Em contacto com as populações locais, em seguida aqueles missionários sentiram a necessidade de aprender português para interagirem com os vários grupos sociais que falavam a língua ou variedades indo-portuguesas. Foi Gründler quem, em 1719, indicou Nikolaus Dal (1690-1747) – alemão de origem dinamarquesa⁵ que estudara nas universidades alemãs de Jena e Halle – para a missão de Tranquebar, onde permaneceu até ao final da vida, trabalhando na tradução portuguesa da Bíblia e em outras obras igualmente em língua portuguesa (Lopes 1936: 147; Sletsjøe 1968: 53), com destaque para uma gramática.

Embora o nome de Nikolaus Dal não figure no frontispício de nenhuma das quatro partes da *Grammatica Portugueza*, os manuscritos depositados no arquivo da *Franckesche Stiftung* (Fundação Francke, Halle), em particular uma carta do próprio Dal (Lopes 1936: 174), confirmam a autoria da gramática.

⁴ Dos seus pelos saíram sobretudo obras religiosas, como *Os Livros Dogmáticos do Velho Testamento, convem a saber, o Livro de Job, os Salmos de David, os Proverbios de Salomão, os Cantares de Salomão, traduzidos na Língua Portuguesa pelo Reverendo Padre Joam Ferreira A. De Almeida, Ministro Pregador do Santo Evangelho na cidade de Batavia, Revisitos e conferidos com Texto Original original pelos Padres missionários de Trangambar* (1744).

⁵ A maioria dos missionários tinha origem alemã (Niecamp 1746).

Na obra intitulada *Esquisse d'une Dialectologie Portugaise* (1901), José Leite de Vasconcelos (1858–1941), ao tratar do “dialecto indo-português” e, em concreto, do português na Costa de Coromandel (Vasconcelos 1901: 143-144), declara conhecer duas obras sobre essa região: *Manual ou breve instructção (sic) que serve para uso d'as crianças que aprendem a ler e começam a rezar nas escholas portuguezas, que saõ Índia oriental, e especialmente 'na costa dos Malabares que se chama Cormandel* (1713); *Grammatica Portugueza para uso das escholas portuguesas de Trangambar* (1725).

No capítulo 5º de *A expansão portuguesa no Oriente nos séculos XVI, XVII e XVIII*, Lopes (1936: 53-58) recenseia um total 29 obras impressas, em português, nos prelos da missão dinamarquesa⁶, entre as quais se contam as quatro partes da *Grammatica Portugueza* (1725-1731). Segundo informação de Dal, os ingleses enviaram para Tranquebar uma imprensa 1712, pelo que a partir desse ano era possível imprimir livros sem necessidade de os enviar para a Europa.

Escrita em Tranquebar por um missionário não nativo de português, esta gramática é um texto da linguística missionária e, também, uma fonte linguística que ainda carece de estudo.

2. Contexto histórico e linguístico da gramática de Tranquebar

Com motivações comerciais, políticas e religiosas, a expansão ultramarina iniciou-se em direção ao norte de África (Ceuta, 1415), prosseguiu ao longo da costa ocidental deste continente e, com a viagem épica de Vasco da Gama, chega à Índia, estendendo-se depois pelo continente asiático até ao extremo-oriental.

Numa breve recapitulação histórica, vejam-se alguns marcos cronológicos da presença portuguesa na Índia. A chegada de Vasco da Gama a Calecute, na costa ocidental da Índia, a 20 de maio de 1498, é o marco inicial de uma presença portuguesa que se traduziria, séculos depois, numa influência linguística, cultural, religiosa e política naquela região do mundo. Seguiram-se, entre muitos outros, os seguintes pontos da costa indiana: Cananor (1502), Cochim (1503), Chaul (1508), Diu (1509), Goa (1510), Baçaim

⁶ Entre 1817 e 1822, o filólogo e indo-europeísta dinamarquês Rasmus Rask (1787-1832) esteve na Índia para estudar as relações entre as línguas europeias e o sânscrito, tendo visitado Tranquebar e consultado várias obras produzidas na missão dinamarquesa, de acordo com Sletsøe (1968): «Rask avait été amené à faire un voyage aux Indes pour y poursuivre ses études sur les relations des langues européennes avec le sanscrit, et l'on présume qu'il séjourna un certain temps à Tranquebar. Dans son manuscrit portugais, il dit avoir examiné quelques livres imprimés par la mission».

(1535), Damão (1558), e, na costa oriental, Negapatão (1507). Cardoso (2006) sublinha a variabilidade da presença portuguesa nos vários territórios, já que alguns locais permaneceram, ininterruptamente, sob controlo português até ao século XX – veja-se o caso de Damão –, ao passo que em outros essa presença durou apenas 100 ou 150 anos. Esta expansão e, sobretudo, a permanência em paragens tão distantes e dispersas explicar-se-á, segundo Thomaz (1990: 314), pela “dominação política, o comércio e a missionação, atividades centrais no envolvimento português com a Ásia”, conquanto essas ações ocorressem em “geografias nem sempre coincidentes” (Cardoso 2016: 69).

Do contacto entre portugueses e falantes de línguas locais, resultariam as denominadas variedades de IP (indo-português) (Cardoso 2006: 1):

In South Asia, relatively stable varieties of IP were at some point to be found in Sri Lanka, in several ports of present-day Gujarat (e.g. Diu, Daman, Bassein, Surat) and Maharashtra (e.g. Bombay, Chaul/Korlai, Thane), Goa, as well as Karnataka and Kerala (e.g. Mangalore, Cannanore, Tellicherry, Mahé, Calicut, Cochin, Quilon) but also on India’s Eastern coast (e.g. Meliapor, Nagappattinam, **Tranquebar**⁷, Pondicherry, Pipli, Calcutta) and Bangladesh (e.g. Dacca, Chittagong).

Negapatão foi possessão portuguesa até 1657 (Cardoso 2006: 24), mas Tranquebar nunca esteve sob controlo político-administrativo de Portugal, pelo que a influência portuguesa – linguística e cultural – tem de ser examinada à luz do tecido sociolinguístico que compunha a comunidade com que se depararam os missionários dinamarqueses.

Entre os manuscritos da missão protestante em Tranquebar, à guarda do *Arquivo da Franckesche Stiftung* (Arquivo da Fundação de Francke, Halle, Alemanha), encontra-se o *Nachricht von den Portugiesen in Indien* (1733), isto é, o *Relatório sobre os Portugueses na Índia*, no qual Nikolaus Dal (Cardoso 2014: 90-93, 113-114) descreve a situação do português na região (*Apud* Lopes 1936: 54-55):

Há três espécies de língua portuguesa na Índia: a pura, a meio-deturpada e a completamente deturpada. A primeira é falada principalmente pelos Portugueses da Europa e pelos seus descendentes. A segunda é falada pelos indivíduos de origem mixta: os pretos também se servem dela na sua correspondência. Caracteriza-a a sua conjugação incompleta. A terceira é falada geralmente pelos Portugueses de origem mixta e sobretudo pelos completamente pretos. Difere da segunda em não ter conjugação. Apenas designa o futuro com a partícula *lo*, o pretérito com a partícula *já*, e o infinitivo não tem *r*. [...] Esta língua é impropria

⁷ Destaque da autora deste trabalho.

para a correspondência e muito mais para o discurso. Por isso os Portugueses pretos se servem da segunda quando oram a Deus. É também nesta que se exprimem os Ingleses, Dinamarqueses, os Holandeses e os Franceses quando se não podem entender nas línguas respectivas, mas estes também se servem da primeira, se a instrução o permite.

E acrescenta Dal (*Apud* Lopes 1936: 55-56):

Os nossos missionários pregam a palavra de Deus não só na língua do país – o tâmul, a que commumente se dá o nome de malabar –, mas também na portuguesa. Aquela é a língua materna dos indígenas, mas alguns pagãos do país sabem falar regularmente o português na forma de deturpado – raramente sabem ler essa língua. Houve quem dissesse que os nossos missionários tomavam os filhos indígenas que não sabiam português e os levavam para a escola portuguesa para fazerem assim deles Portugueses. [...] Isso não é verdade; mas fazem-no, todavia, os Europeus daqui às crianças que compram aos pagãos como escravos. E não se lhes deve fazer censura por isso: como eles não sabem falar tâmul com os seus escravos e estes não percebem o dinamarquês, escolham ambos, pois, a língua franca para se poderem entender. Por sua parte, se os missionários não ensinassem a palavra de Deus também em língua portuguesa fechariam as portas da Igreja evangélica [...].

Entre os grupos mencionados por Dal, destaca-se o dos escravos (“completamente pretos”), que comunicavam numa variedade crioula, indo-portuguesa, a qual, segundo aquele missionário, era uma língua portuguesa “completamente deturpada”. No entanto, conforme salienta Cardoso (2014: 90), baseado no depoimento de Dal:

in India, the term “Portuguese” was applied to anyone who spoke Portuguese and dressed in a Portuguese fashion – these being their most salient identity markers – but covered a considerable racial diversity: whites, blacks (in his words), and several intermediate categories reflecting interracial ancestry (“Mestissen”, “Castissen”, “Postissen”).

Embora o impacto da população escrava tenha sido, com efeito, muito relevante (Sløtsjoe 1968: 53), a questão envolve fatores contraditórios (Cardoso 2010):

Le portugais parlé par les esclaves des colonisateurs était une sorte de «pidgin» ou «crioulo», une langue formellement réduite, héritée de leurs aïeux, et qui leur servait de véhicule, permettant

également aux différentes populations habitant les ports de la côte orientale de communiquer entre elles (Sljetsjoe, 1968: 53).

Two sociohistorical factors seem to have contradictory implications for the linguistic assimilation of the slaves: on the one hand, it is clear that the influx of Mozambican slaves was constant until at least the early 19th century; on the other hand, it was also shown that a significant number of slaves were actually born in India of slave parents and possibly raised in an Indo-Portuguese (Catholic) context (Cardoso, 2010: 18-19).

Charles Boxer (2002: 140) confirma o quadro traçado por Dal a respeito do papel do português como “língua franca” (Matos 1968), cujo enraizamento se verificava em paragens que depois vieram a ser controladas por outros europeus:

a língua portuguesa (ou uma adaptação dela) tornou-se a língua franca da maioria das regiões costeiras que eles [portugueses] abriram ao comércio e aos empreendimentos europeus em ambos os lados do globo. Por ocasião do confronto com os holandeses, a língua portuguesa já criara raízes demasiado profundas para ser erradicada, mesmo nos domínios coloniais em que os holandeses tentaram substituí-la.

Ao descrever o dialeto indo-português de Negapatão (2017), localidade próxima de Tranquebar, Dalgado (1917) sublinha que, por diversas causas, os denominados “dialectos indo-portugueses” estariam já muito “reduzidos” ou “a ponto de desaparecer” (Dalgado 1917: 41-42). Porém, nos inícios de Setecentos, a situação seria bem distinta, pois a impressão de uma gramática da língua portuguesa traduz a importância desta língua – e das variedades que coexistiam sob a designação de “português” – para o intercâmbio linguístico entre falantes europeus e populações falantes de malabar ou de uma daquelas variedades de português, mais ou menos “deturpado”.

Tranquebar foi possessão dinamarquesa até 1807, ano em que os ingleses ocupam a localidade, que devolverão em 1814, vindo a comprá-la em 1845 (Lopes 1936: 22), encerrando-se assim o período dinamarquês daquele território.

3. A *Grammatica Portugueza* de Tranquambar

A publicação de uma gramática da língua portuguesa na missão dinamarquesa de Trangambar respondia, como referido anteriormente, à necessidade de ter um auxiliar didático para a aprendizagem do português quer por europeus que trabalhavam na missão, quer por alunos falantes de tâmul ou de uma variedade indo-portuguesa. Numa

comunidade em que o português, como língua franca, tinha espaço na expressão oral cotidiana, a maior dificuldade radicava na escrita, tanto mais que esta deveria plasmar uma variedade “pura” da língua, e não as variedades “semi-deturpada” e “completamente deturpada”, de acordo com a descrição de Dal. Isso justificará que a *Grammatica Portugueza* não se divida nas partes canônicas, derivadas da tradição greco-latina, a saber, prosódia, ortografia, etimologia, sintaxe. Como os missionários não eram falantes nativos de português, e em Tranquebar não dispunham de livros nessa língua, as fontes seriam escassas e pouco atualizadas, pois na missão existiria apenas uma gramática latino-portuguesa do jesuíta Bento Pereira (*Ars grammatica pro addiscenda lingua lusitana*, 1672), outra gramática manuscrita e um dicionário, igualmente manuscrito (Lopes 1936: 158).

Publicadas em anos diferentes, são estas as quatro partes em que Dal repartiu a gramática para uso da escola portuguesa da missão dinamarquesa de Tranquebar⁸:

Dal, Nicolau (1725) *Primeira Parte da Grammatica Portugueza, convem a saber, as Conjugações dos Verbos Regulares e Irregulares, para uso da Eschola Portugueza de Trangambar. Trangambar: na Officina da Real Missão de Dinamarca. (Reimpressa em 1733).*

Dal, Nicolau (1726) *Segunda parte da Grammatica Portugueza, convem a saber, a Prosodia ou Accentuação das Dicções Portuguezas, proposta em Regras e Exemplos, como tambem em Vocabulario de Nomes accentuados, Conforme a ordem do A, B, C. Para o uso da Escola Portugueza de Trangambar. Trangambar: Na Officina da Real Missão Dinamarquesa (Reimpressa em 1732).*

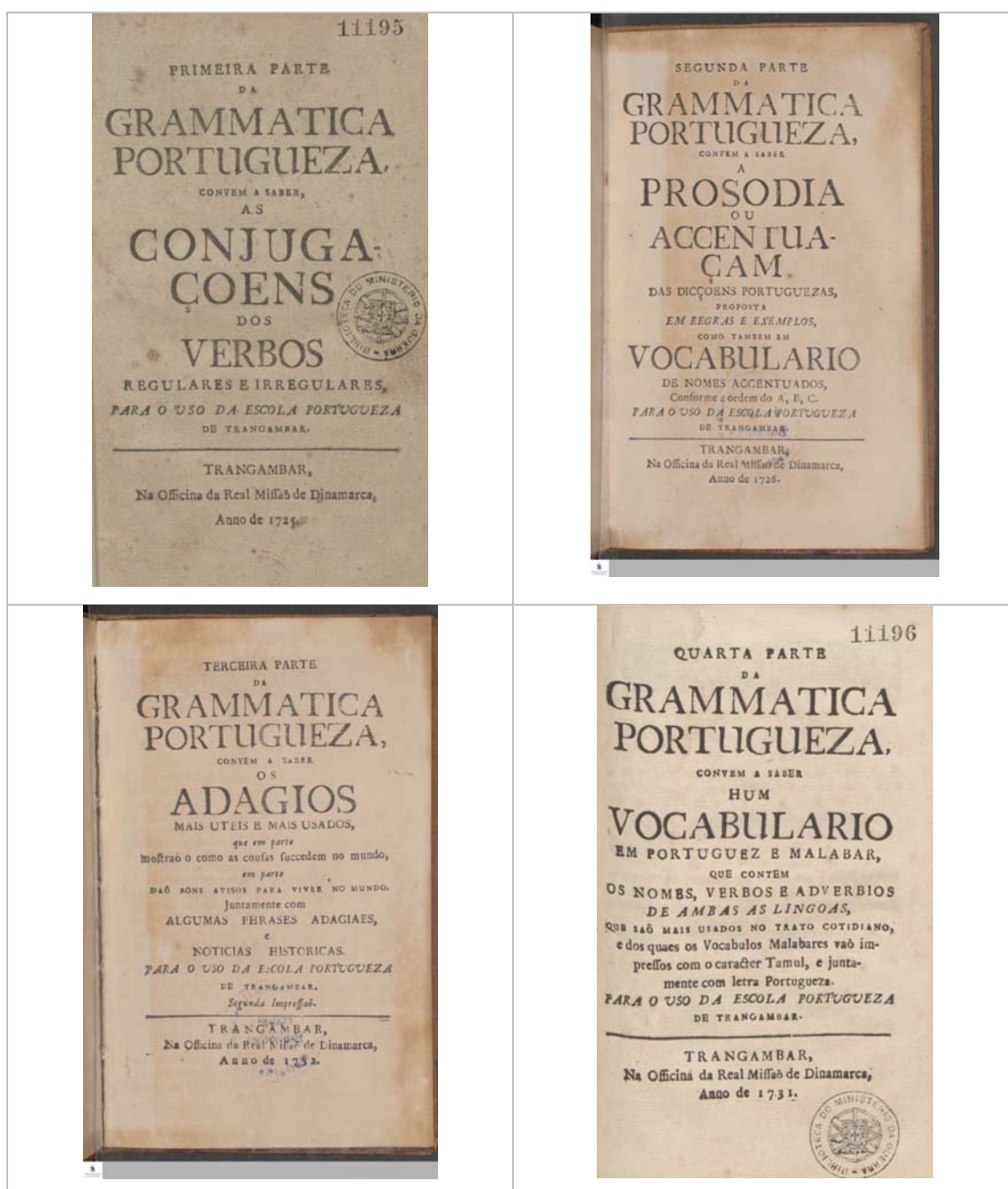
Dal, Nicolau (1726) *Terceira Parte da Grammatica Portugueza, convem a saber, os Adagios mais uteis e mais usados, que em parte mostraô o como as cousas succedem no mundo, em parte daõ bons Avisos para viver no Mundo. Juntamente com algumas Phrases Adagiaes e Noticias Históricas. Para o uso da Escola de Trangambar. Trangambar: Na Officina da Real Missão Dinamarquesa (Reimpressa em 1732).*

Dal, Nicolau (1731) *Quarta Parte da Grammatica Portuguesa, convem a saber hum Vocabulario em Portuguez e Malabar, que contem os Nomes, Verbos e Adverbios mais*

⁸ Da parte primeira e da quarta (Gonçalves 2018), existem exemplares na Biblioteca do Exército, obras que foram localizadas no âmbito de um projeto de inventariação e estudo dos fundos antigos dessa biblioteca (Freire da Silva & Miranda 2018). Os referidos exemplares devem ser os identificados por Lopes (1936: 162) na Biblioteca do Ministério da Guerra (B.M.G.L.), pertencentes ao Major Santos Ferreira. Da segunda e terceira partes, que não foram localizadas nesta biblioteca portuguesa, tem-se cópia graças à biblioteca digital da Fundação Francke (<https://digital.francke-halle.de/fsaad/content/titleinfo/497200>).

vulgares de Ambas as Lingoas, que são usados no trato cotidiano e dos quaes os vocábulos Malabares vão impressos com o caracter Tamul, e juntamente com letra Portugueza, para uso da Escola Portugueza de Trangambar. Trangambar: Na Officina da Real Missão de Dinamarca.

Figura 2 – *Grammatica Portugueza*: frontispício das quatro partes



À luz do contexto de Tranquebar e da missão dinamarquesa, a finalidade destas partes da gramática era responder às dificuldades de quantos pretendiam aprender, a falar e escrever a língua portuguesa “pura”, em palavras de Dal. Assim, se a variedade “semi-pura” do português se caracterizava, como acima se observou, pela “conjugação incompleta”, tornava-se necessário oferecer tábuas da conjugação verbal do português para auxiliar os aprendentes, fossem eles falantes de línguas europeias – e daí o contraste entre verbos portugueses e os correspondentes em italiano, castelhano, francês, dinamarquês, “tudesco”⁹ (i.e. alemão), inglês e flamengo (i.e. neerlandês) –, fossem falantes da língua materna local – o tâmul (Muru 2021), – ou de uma variedade indo-portuguesa.

De cariz exclusivamente prático, esta gramática não inclui qualquer paratexto – introdução, prólogo, dedicatória, nota ao leitor –, nem aduz as fontes portuguesas, embora se saiba que, em Tranquebar, estas eram limitadas.

As 64 páginas da *Primeira Parte da Grammatica Portugueza* (Dal 1725) distribuem-se em quinze lições que tratam dos verbos regulares e irregulares do português, confrontando-os, lado a lado, com os equivalentes das mencionadas línguas europeias, conforme pode observar-se nas imagens abaixo (Cf. Figura 3). A 2ª impressão da *Primeira Parte* (1733) inclui um suplemento à lição XV da 1ª impressão (1725), para acrescentar verbos que nesta não figuravam (atrair, prover, requerer, conduzir, jazer, luzir, entre outros), e bem assim um comentário acerca da confusão entre “ter” e “haver” – “Nas conjugações se troca ás vezes o auxiliar Ter com o verbo castelhano Haver, v.g. Havia visto, Houvera visto, Havendo visto” (Dal 1733: 4) –, anotação que mostra o desconhecimento de que “ter”, em português, preencheu o lugar de “haver” como auxiliar dos tempos compostos¹⁰.

⁹ De acordo com Cunha (1994: 796), que se baseia em Nascentes (1932: 794), é vocábulo “relativo aos, ou próprio dos antigos germânicos XVI”, emprestado do “fr. *tudesque*, deriv. do ital. *tedesco* e, este, a partir do lat. med. *Teudiscus*, adapt. do germ. *Thiudiska*”. Machado (1977: 348) documenta-o na Comédia Eufrosina, no século XVI.

¹⁰ Esse auxiliar manter-se-ia num registo formal e culto da língua.

Figura 3 - Confronto entre verbos (Dal, 1725)

<p style="text-align: center;">CAPITULO PRIMEIRO. DOS VERBOS SUBSTANTIVOS E AUXILIARES. LIÇAM I. CONJUGAÇÃO DO VERBO SUBSTANTIVO SER.</p> <p style="text-align: center;"><i>Portuguez.</i> <i>Italiana.</i></p> <p style="text-align: center;">INDICATIVO.</p> <p style="text-align: center;">Presente.</p> <p style="text-align: center;"><i>Singular.</i></p> <p>Eu sou Io sono Tu es Tu sei Elle he Egli è</p> <p style="text-align: center;"><i>Plurar.</i></p> <p>Nós somos Noi siamo Vós sois Voi siete Elles são Egliuo sono.</p> <p style="text-align: center;">Imperfeito.</p> <p style="text-align: center;"><i>Singular.</i></p> <p>Eu era Io ero Tu eras Tu eri Elle era Egli era.</p> <p style="text-align: center;"><i>Plurar.</i></p> <p>Nós éramos Noi eramo Vós erais Voi erate Elles eram Egliuo erano.</p> <p style="text-align: center;">A 2 Perfeit.</p>	<p style="text-align: center;">VERBO ESTAR. 7</p> <p style="text-align: center;"><i>Portuguez.</i> <i>Castelhana.</i></p> <p style="text-align: center;">Imperfeito.</p> <p style="text-align: center;"><i>Singular.</i></p> <p>Eu estáva Yo estava Tu estavas Tu estavas Elle estáva El estava.</p> <p style="text-align: center;"><i>Plurar.</i></p> <p>Nós estávamos Nos estavamos Vós estáveis Vos estavades Elles estávaõ Ellos estavan.</p> <p style="text-align: center;">Perfeito.</p> <p style="text-align: center;"><i>Singular.</i></p> <p>Eu estive Yo estuve Tu estiveste Tu estuviste Elle estive El estuvo.</p> <p style="text-align: center;"><i>Plurar.</i></p> <p>Nós estivemos Nos estuvimos Vós estivestes Vos estuvierades Elles estiverão Ellos estuvieron.</p> <p style="text-align: center;">Plusquamperfeito.</p> <p style="text-align: center;"><i>Singular.</i></p> <p>Eu estivera Yo estuviera Tu estiveras Tu estuvieras Elle estivera El estuviera.</p> <p style="text-align: center;"><i>Plurar.</i></p> <p>Nós estiveramos Nos estuvieramos Vós estiverades Vos estuvierades Elles estiverão Ellos estuvieran.</p> <p style="text-align: center;">Futuro.</p> <p style="text-align: center;"><i>Singular.</i></p> <p>Eu estarei Yo estaré Tu estarás Tu estarás Elle estará El estará.</p> <p style="text-align: center;">A 4 Plurar.</p>
<p style="text-align: center;">10 CONJUGAÇÃO DO LIÇAM III. CONJUGAÇÃO DO VERBO AUXILIAR HAVER.</p> <p style="text-align: center;"><i>Portuguez.</i> <i>Francez.</i></p> <p style="text-align: center;">INDICATIVO.</p> <p style="text-align: center;">Presente.</p> <p style="text-align: center;"><i>Singular.</i></p> <p>Eu hey J' ai Tu has Tu as Elle ha Il a.</p> <p style="text-align: center;"><i>Plurar.</i></p> <p>Nós hémos, ou havemos Nous avons Vós heis, ou haveis Vous avez Elles hão Ils ont.</p> <p style="text-align: center;">Imperfeito.</p> <p style="text-align: center;"><i>Singular.</i></p> <p>Eu havia J' avois Tu havias Tu avois Elle havia Il avoit.</p> <p style="text-align: center;"><i>Plurar.</i></p> <p>Nós havíamos Nous avions Vós havieis Vous aviez Elles haviaõ Ils avoient.</p> <p style="text-align: center;">Perfeito.</p> <p style="text-align: center;"><i>Singular.</i></p> <p>Eu houve J' eus Tu houveste Tu eus Elle houve Il eût.</p> <p style="text-align: center;"><i>Plurar.</i></p> <p>Nós houvémos Nous eûmes Vós houvestes Vous eûtes Elles houveraõ Ils eurent.</p> <p style="text-align: right;">Plus</p>	<p style="text-align: center;">14 CONJUGAÇÃO DO</p> <p style="text-align: center;"><i>Portuguez.</i> <i>Dinamarquez.</i></p> <p style="text-align: center;"><i>Plurar.</i></p> <p>Nós temos Vi have Vós tendes I have Elles tem De have.</p> <p style="text-align: center;">Imperfeito.</p> <p style="text-align: center;"><i>Singular.</i></p> <p>Eu tinha Jeg havde Tu tinhas Du havde Elle tinha Hand havde.</p> <p style="text-align: center;"><i>Plurar.</i></p> <p>Nós tñhamos Vi havde Vós tinheis I havde Elles tñhaõ De havde.</p> <p style="text-align: center;">Perfeito.</p> <p style="text-align: center;"><i>Singular.</i></p> <p>Eu tive Jeg haver haft Tu tiveste Du haver haft Elle teve Hand haver haft.</p> <p style="text-align: center;"><i>Plurar.</i></p> <p>Nós tivémos Vi have haft Vós tivestes I have haft Elles tiverão De have haft.</p> <p style="text-align: center;">Plusquamperfeito.</p> <p style="text-align: center;"><i>Singular.</i></p> <p>Eu tivera Jeg havde haft Tu tiveras Du havde haft Elle tivera Hand havde haft.</p> <p style="text-align: center;"><i>Plurar.</i></p> <p>Nós tivéramos Vi havde haft Vós tivereis I havde haft Elles tiverão De havde haft.</p> <p style="text-align: right;">Futuro</p>

<p>18 A PRIMEIRA CONJUGAÇÃO</p> <p><i>Portuguez. Tudesca.</i></p> <p><i>Imperfeito.</i></p> <p><i>Singular.</i></p> <p>Eu andava Ich wandelte Tu andavas Du wandeltest Elle andava Er wandelte.</p> <p><i>Plurar.</i></p> <p>Nós andávamos Wir wandelten Vós andáveis Ihr wandeltet Elles andavam Sie wandelten.</p> <p><i>Perfeito simples.</i></p> <p><i>Singular.</i></p> <p>Eu andei Ich habe gewandelt Tu andaste Du hast gewandelt Elle andou Er hat gewandelt.</p> <p><i>Plurar.</i></p> <p>Nós andámos Wir haben gewandelt Vós andastes Ihr habet gewandelt Elles andaram Sie haben gewandelt.</p> <p><i>Perfeito composto.</i></p> <p><i>Singular.</i></p> <p>Eu tenho andado Ich habe gewandelt Tu tens andado Du hast gewandelt Elle tem andado Er hat gewandelt.</p> <p><i>Plurar.</i></p> <p>Nós temos andado Wir haben gewandelt Vós tendes andado Ihr habet gewandelt Elles tem andado Sie haben gewandelt.</p> <p><i>Plusquamperfeito simples.</i></p> <p><i>Singular.</i></p> <p>Eu andara Ich hatte gewandelt Tu andaras Du hattest gewandelt Elle andara Er hatte gewandelt.</p> <p><i>Plurar.</i></p>	<p>EM ER. 23</p> <p><i>Portuguez. Ingez.</i></p> <p>Elle aprende He learneth.</p> <p><i>Plurar.</i></p> <p>Nós aprendemos We learn Vós aprendeis Ye learn Elles aprendem They learn.</p> <p><i>Imperfeito.</i></p> <p><i>Singular.</i></p> <p>Eu aprendia I learned Tu aprendias Thou learnedst Elle aprendia He learned.</p> <p><i>Plurar.</i></p> <p>Nós aprendíamos We learned Vós aprendíeis Ye learned Elles aprendião They learned.</p> <p><i>Perfeito simples.</i></p> <p><i>Singular.</i></p> <p>Eu aprendi I have learned Tu aprendeste Thou hast learned Elle aprendeo He hath learned.</p> <p><i>Plurar.</i></p> <p>Nós aprendemos We have learned Vós aprendestes Ye have learned Elles aprenderão They have learned.</p> <p><i>Perfeito composto.</i></p> <p><i>Singular.</i></p> <p>Eu tenho aprendido I have learned Tu tens aprendido Thou hast learned Elle tem aprendido He hath learned.</p> <p><i>Plurar.</i></p> <p>Nós temos aprendido We have learned Vós tendes aprendido Ye have learned Elles tem aprendido They have learned.</p> <p>B 4 Plus-</p>
<p>28 A TERCEIRA CONJUGAÇÃO</p> <p>LIÇAM III.</p> <p>A TERCEIRA CONJUGAÇÃO, que he dos Verbos que se acabão EM IR.</p> <p><i>Portuguez. Flamengo.</i></p> <p>INDICATIVO.</p> <p><i>Presente.</i></p> <p><i>Singular.</i></p> <p>Eu sirvo Ik dien Tu serves Gy dient Elle serve Hy dient.</p> <p><i>Plurar.</i></p> <p>Nós servimos Wy dienen Vós servis Gy-lieden dient Elles servem Zy dienen.</p> <p><i>Imperfeito.</i></p> <p><i>Singular.</i></p> <p>Eu servia Ik diende Tu servias Gy diende Elle servia Hy diende.</p> <p><i>Plurar.</i></p> <p>Nós servíamos Wy dienden Vós servíeis Gy-lieden diendet Elles servião Zy dienden.</p> <p><i>Perfeito simples.</i></p> <p><i>Singular.</i></p> <p>Eu servi Ik heb gediend Tu serviste Gy hebt gediend Elle servio Hy heeft gediend.</p> <p><i>Plurar.</i></p> <p>Nós servimos Wy hebben gediend Vós servistes Gy-lieden hebt gediend Elles servirão Zy hebben gediend.</p> <p>Perfei-</p>	

Tal como a anterior, a *Segunda Parte da Grammatica Portugueza* (1726) tem cariz bastante prático e atenta, ao longo de 40 páginas, na “prosodia ou accentuaçam das dicções portuguezas, proposta em regras e exemplos, como tambem em Vocabulario de nomes acentuados, conforme a ordem A. B. C.”

Para apontar a posição da tónica, a vogal é assinalada por meio de acento agudo e circunflexo – “guaríta”, “canéca”, “almário”, “enxúto”, “instância”, “indómito”, “indulgência”, “jubilêo”, “ironía”, “ladrôa” –, servindo o grave para marcar uma subtónica aberta, como seria o caso de “mòrdómo”. Estes exemplos foram extraídos do

vocabulário ilustrativo (páginas 13 a 40) que preenche a maior parte da Segunda Parte, já que as regras (com as suas exceções) ocupam as primeiras doze páginas.

Com esta parte da *Grammatica*, que corresponde *grosso modo* a uma parte canónica da gramática (a Prosódia), Dal procurava esclarecer dúvidas e hesitações relativas à pronúncia portuguesa, motivo por que reuniu abundante exemplificação num vocabulário que é de grande valia para o investigador atual. Ali se encontra um repertório de palavras que, decerto, ao menos entre os membros da missão, eram consideradas úteis, fosse pela sua frequência no uso oral, fosse pelas exigências inerentes à comunicação escrita.

Embora não seja objetivo deste trabalho analisar em pormenor o referido repertório, com vista a uma caracterização da variedade de português nele plasmada, em breve apontamento vale a pena aduzir alguns vocábulos que, noutra ocasião, merecerão atenção mais pormenorizada. É o caso dos seguintes: “beberrónia”, “bugigângara”, “cachágens”, “chamboíce”, “collobrína”, “palanfrório”, “somítego”.

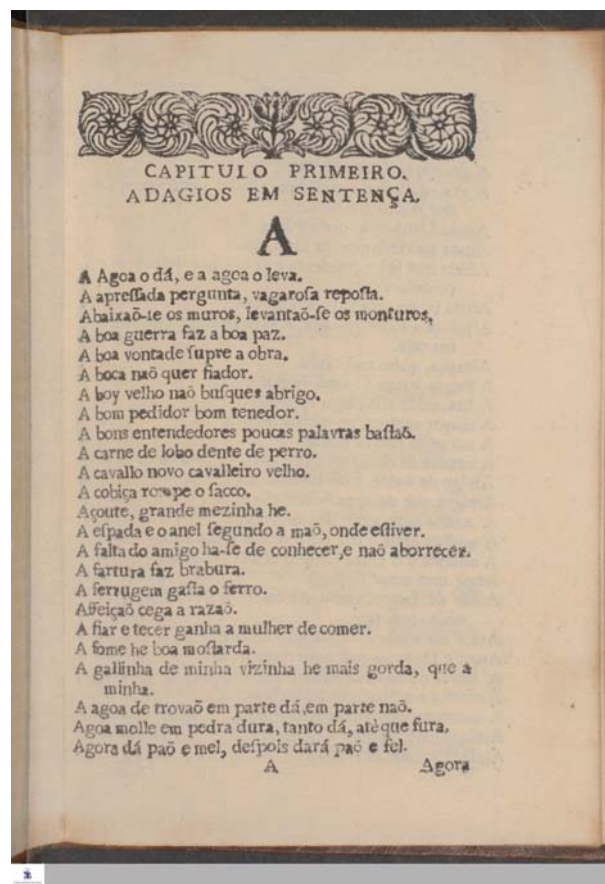
Na *Terceira Parte da Grammatica Portugueza, convem a saber os Adagios mais uteis e mais usados, que em parte mostram como as cousas succedem as cousas no mundo. Juntamente com algumas Phrases Adagiaes e noticias históricas* (1826), da qual se consultou a 2ª impressão (1732), Dal compila por ordem alfabética exemplos da paremiologia portuguesa, isto é, frases proverbiais e sentenciosas que, em virtude da sua concisão semântica e economia verbal, tinham (têm até hoje) grande eficácia comunicativa, já que, em qualquer língua e cultura, sintetizam experiências, observações empíricas e juízos de valor que foram transmitidos ao longo de séculos, e que, por veicularem um conteúdo universal, continuam a servir em novos tempos, costumes, práticas e realidades.

À data da publicação, em Tranquebar, desta parte da *Grammatica Portugueza*, em Portugal já tinham vindo a lume compilações de adágios e sentenças similares, como as António Delicado (1651) e Bento Pereira (1655), assim como obras lexicográficas que ilustravam o uso dos vocábulos com esse género de frases, muitas delas vivas na memória coletiva até aos nossos dias. Dal conhecia a *Ars grammatica addiscenda pro lingua lusitana* (1672), de Bento Pereira (1605-1681), já que a missão dinamarquesa, como referido anteriormente, dispunha de um exemplar. Como não se tem notícia de que outras obras do jesuíta natural de Borba tivessem chegado à missão de Tranquebar, porquanto esta localidade nunca foi possessão portuguesa, nem ali existiu um colégio da Companhia de Jesus, é plausível que Dal se tenha socorrido daquela gramática, visto ela incluir um extenso rol de sentenças moralistas intitulada *Acroamata moralia* (Pereira, 1672: 231-

287). Alguns dos adágios arrolados pelo missionário figuravam nos repertórios de Delicado e Bento Pereira (Gonçalves 2009), mas é improvável que Dal os tenha forrageado diretamente nessas obras. Assim, é de admitir que os adágios reunidos na *Terceira Parte da Grammatica Portuguez*, cujo cariz é mais popular que as sentenças cultas de Bento Pereira, tenham sido respigados em outras fontes, levantando-se a hipótese de o missionário os ter encontrado em fontes históricas e outras que lhe tenham chegado às mãos em Tranquebar.

A título de exemplo dos adágios incluídos nesta parte da gramática, vejam-se alguns da letra A.

Figura 4 – Adágios na *Quarta Parte da Grammatica Portugueza* (1731)



Nas 44 páginas desta parte da gramática, o missionário distinguiu os “adágios em sentença”, vale dizer, as parémiias propriamente ditas, das expressões fixas ou idiomáticas, às quais chama “adágios em phrases”, oferecendo listas separadas em capítulos distintos. Embora esta destrição não seja novidade, porquanto alguns dos autores anteriormente referidos já aludiam à diferença entre um enunciado sentencioso, que comporta uma verdade universal, e uma sequência ou expressão cristalizada na

língua, caracterizada por ter uma colocação fixa de palavras da qual resulta um significado específico. Estes tipos de enunciado constituem um património linguístico, pois integram um acervo idiomático coletivo, partilhado e transmitido ao longo de séculos, o que certamente explica que entrem nas compilações antigas¹¹.

A simples comparação entre os adágios “Se queres ser bom juiz, ouve o que cada hum diz” (Dal 1726: 22), “O que á noite se faz, pela manhã aparece” (Dal 1726: 23) “Quem azeite mede, as mãos unta” (Dal 1726: 23), e “Vento e ventura pouco dura” (Dal 1726: 24), por um lado, e as expressões “A unhas e a dentes” (Dal, 1726: 25), “Dar no alvo” (Dal, 1726: 26), “Estar por hum fio” (Dal 1726: 27) e “Lágrimas de crocodilo” (Dal 1726: 28), por outro, mostra que, com efeito, os primeiros e as segundas são enunciados com distinta natureza e características formais. Contudo, nas antigas coleções, nem sempre a fronteira entre adágios e expressões idiomáticas ou colocações fixas é clara, existindo enunciados proverbiais no rol destas expressões.

No final desta parte da gramática, Dal apresenta um rol de “Notícias históricas” (Dal 1726: 32-43) com a datação das conquistas da Índia, da propagação do evangelho, da história da missão de Trangambar, dos reinos e províncias do mundo, das religiões, da história dos reinos do mundo e das festas da igreja da Dinamarca.

Na *Quarta Parte da Grammatica Portugueza* (1731), Dal (1731: 3-7) expõe a pronúncia, contrastando os sons portugueses com os das línguas europeias, cujos verbos já haviam sido confrontados, na primeira parte da gramática, com os do português. Esta secção da *Quarta Parte* tem paginação autónoma do vocabulário português-malabar, a peça mais extensa de todas as partes da gramática (Dal 1731: 1-67), e que é antecedida de uns aditamentos à *Terceira Parte da Grammatica Portugueza*. No final do Vocabulário, na sequência da paginação anterior, Dal acrescenta um “Suplemento” com “vocábulos esquecidos”, isto é, palavras que deveriam ter sido incluídas no rol anterior.

O vocabulário bilingue organiza-se em três colunas, sendo que a primeira, à esquerda, apresenta as palavras portuguesas em caracteres latinos, a do meio corresponde às palavras equivalentes em malabar, escritas com o alfabeto tâmil, e à direita, em caracteres latinos, a representação da pronúncia dessas palavras nessa língua (“malabar”, na denominação da época).

¹¹ O estudo dos provérbios (parémias) e o das expressões idiomáticas (fraseologismos) constituem, atualmente, domínios especializados (Hristova & Varga 2014; Granger & Meunier 2008). Todavia, numa fase inicial de delimitação epistemológica desses domínios de investigação, ambos os tipos de enunciados apareciam sob o termo lato de “fraseologia”.

Este vocabulário traduz o interesse dos missionários de Tranquebar pelas duas línguas em contacto naquela comunidade – o português e o tâmil, língua materna da maior parte da população local –, o que decorre da filosofia que pautava a missão dinamarquesa, que não procurava forçar a conversão dos nativos numa língua desconhecida, mas antes numa que tivesse influência cultural naquele território. Conhecedores das vantagens da comunicação em “tâmul” ou “malabar”, a língua materna local, os missionários também se aplicaram em aprender aquela língua dravídica, cuja escrita requeria o domínio do alfabeto tâmil.

3.1. Alguns aspetos linguísticos da *Grammatica Portugueza*

Produzida num contexto social e linguístico muito particular – uma escola portuguesa numa missão dinamarquesa em Tranquebar, na costa de Coromandel, um autor não nativo e destinatários falantes de línguas europeias, de tâmul e de variedades indo-portuguesas –, na *Grammatica Portugueza* observam-se alguns aspetos linguísticos que certamente refletem as variedades de Português que Dal conhecia diretamente, variedades que se caracterizariam por um certo grau de fossilização, posto que não teriam acompanhado a natural dinâmica da língua portuguesa na Europa. Ademais desse contacto direto, a referida fossilização dever-se-á igualmente às fontes escritas de que se socorreu o missionário.

Entre os aspetos que chamam a atenção na *Grammatica Portugueza* refiram-se, por um lado, a pronúncia de certas vogais, ditongos e consoantes, e, por outro, um conjunto de palavras que ou pertencem a uma camada antiga do léxico ou traduzem a influência da língua e cultura locais no português que circulava em Tranquebar.

3.1.1. A pronúncia do português

Na exposição da pronúncia das vogais portuguesas, Dal retoma o contraste entre línguas europeias, tomando o alemão e o italiano como referência para explicar a pronúncia das vogais que se representam com <a, e, i, o, u>, embora matize que <u> se pronuncia como “OU em Francez, OO em Inglez, e O em Flamengo” (Dal, 1731:3). Por sua vez, para a realização oral de <y> compara a portuguesa à pronúncia alemã e à francesa.

Segundo Dal, a realização de <ũ> tanto corresponde a uma vogal nasal como a uma vogal nasalada devido à epêntese de uma consoante bilabial nasal anti-hiática “ũ se

pronuncia como em Portuguez *UM* no fim, e em Dinamarquez *UNG*; v.g. *hũa, algũa, nenhũa* que tambem se podem escrever e ler *huma, alguma, nenhuma*” (Dal, 1731: 6).

Quanto à pronúncia das sequências gráficas <ej, ey> e <ou>, correspondentes aos ditongos decrescentes /ej/ e /ow/, Dal salienta que o primeiro se “pronuncia como *E* escuro, acrescentando-se-lhe algum tanto de *I*” (Dal 1731: 6-7) e “*Ou* se pronúncia com *O* escuro, acrescentando-se-lhe algum tanto de *U*” (Dal 1731: 7), donde se depreende que, no segundo caso, a pronúncia não incluía monotongação, muito embora esse traço estivesse em processo de difusão a partir a partir do XVI, vindo depois a integrar a chamada língua padrão no século XVIII (Gonçalves 2024; Marquilhas 2013: 30), aspeto em que a “norma” se distancia claramente das variedades portuguesas setentrionais, visto estas conservarem o ditongo decrescente /ow/ até à atualidade.

A respeito da sequência gráfica <aõ>, a descrição do autor da *Grammatica Portugueza* não esclarece bem se aquela representa o ditongo nasal /ẽw̃/ que, por analogia, se sobrepusera a outras terminações nasais, embora as palavras de Dal pareçam apontar no sentido de um nivelamento dessas terminações: “*Aõ* se pronuncia como em Portuguez *AM* no fim, e como em Dinamarquez *ANG*” (Dal 1731: 6). O contraste com o dinamarquês denuncia que os destinatários seriam os membros da missão dinamarquesa, e não, como é evidente, os alunos da escola portuguesa, porquanto estes desconheciam aquela língua europeia.

Para explicar a pronúncia das consoantes – <B, D, F, K, L, N, P, R, S, T, V, Z> –, Dal estabelece um paralelo com o francês e o dinamarquês. Para a pronúncia de <Ca, Que, Qui, Co, Cu> encontra semelhanças com o francês (“C, Qu”) e com o alemão (“K”); para a realização de <Ça, Ce, Ci, Ço, Cu> socorre-se do francês e do alemão (“SS”); para a de <CH> remete para o inglês, o castelhano e o alemão (“TSCH”), o que equivale à africada palatal surda /tʃ/, que muitos gramáticos portugueses (Feijó 1734; Monte Carmelo 1767) prescreviam no século XVIII como realização normativa, quando, na verdade, na língua padrão, que acompanhava as variedades centro-meridionais, já estaria nivelada com a fricativa palatal surda /ʃ/, grafada com <X>¹².

Entre os exemplos ilustrativos da pronúncia de uma africada, incluem-se topónimos de possessões portuguesas na Índia – Chaul e Cochim –, assim como a palavra “chingalas” (i.e. os habitantes da ilha de Ceilão), de origem cingalesa (“singalês-sâncs.

¹² Ressalvavam-se os casos de palavras de origem grega ou latina, em que <CH> correspondia a uma oclusiva velar surda.

simhala), documentada a partir de 1550, segundo Dalgado (1919: 274), e que tinha “chinglá” como única forma no Ceilão.

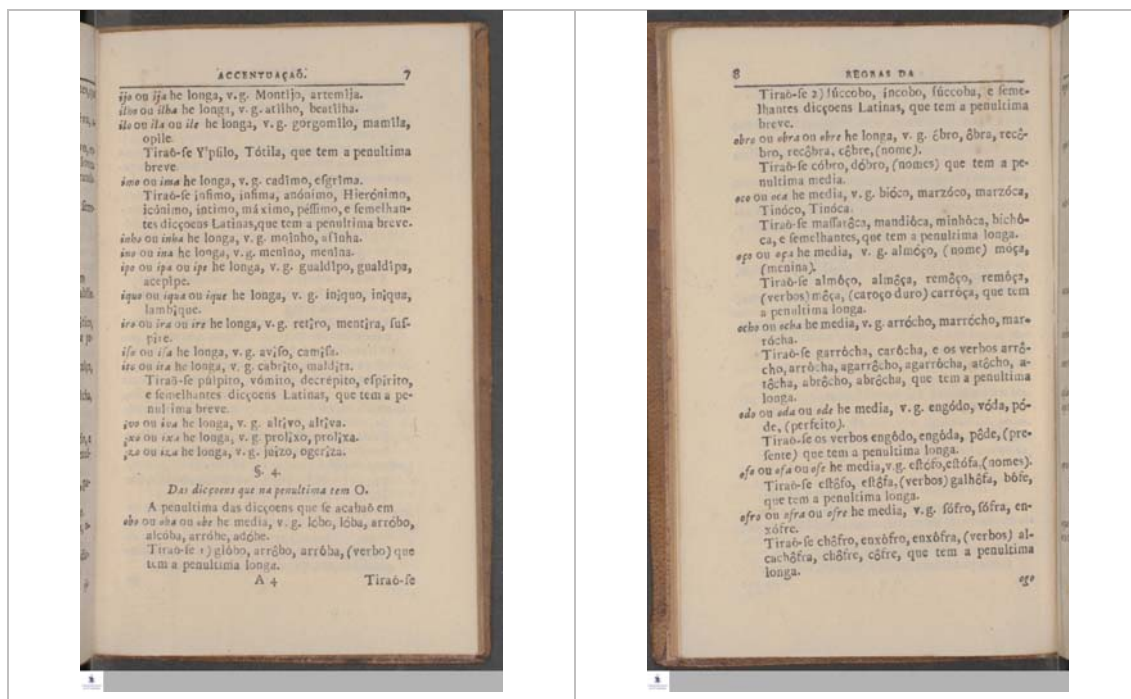
Para a pronúncia da oclusiva velar sonora /g/, Dal socorre-se do francês e do dinamarquês, cujas realizações são idênticas, mas, para a sequência de /gw/ (“guarda”, “lingua ou lingoa”, e também “guela”, “desagûa”, “averigûo”) aduz o castelhano e o italiano. Para a realização da fricativa palatal sonora /ʒ/, em português, aponta o francês, o flamengo e o dinamarquês; para a palatal lateral portuguesa, o francês, o italiano e o castelhano, línguas cuja palatal nasal também se assemelha à da consoante portuguesa. Por sua vez, a fricativa palatal surda do português, grafada com <X>, é contrastada com a do francês e a do alemão (“SCH”), sendo exemplificada com as palavras “próximo”, “trouxe”, “máxima”.

A propósito das sequências constituídas por duas ou três consoantes, Dal (1731: 7) sublinha que os portugueses não parecem tolerá-las, e, por isso, pronunciam “sucesso, suceder, acender, aflição, santo”, em vez de “successo, succeder, accender, afflictção, sancto”.

As anteriores semelhanças entre línguas europeias e o português não serviriam, como é evidente, aos alunos da escola portuguesa, pois estes desconheciam aquelas línguas; seriam, porém, de grande utilidade para os funcionários da missão, europeus que tinham várias línguas maternas (Sletsjøe 1968; Lieban 2018), conquanto a maioria dos missionários fosse de origem alemã ou conhecesse o alemão.

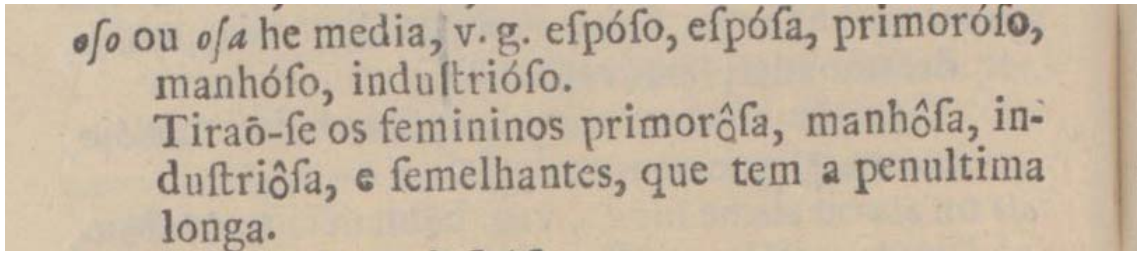
Na *Segunda Parte da Grammatica Portugueza* (1732[¹1726]), o autor retoma uma das dificuldades do português: a posição e o timbre da tónica. Expõe as regras e ilustra-as mediante uma extensa lista alfabética em que os acentos gráficos (agudo, grave, esdrúxulo) assinalam a vogal tónica e a sua abertura ou fechamento. Dal não propõe, portanto, regras de acentuação (orto)gráfica, mas, sim, formas de reconhecer o acento e o timbre como traços prosódicos, para tal recorrendo a três graus vocálicos: “longa” é a vogal tónica aberta; a “média” é a tónica fechada; a “breve” é a vogal átona. Assim, o autor atenta na oralidade, não na escrita, pelo que a exemplificação se reveste de grande valor informativo.

Figura 4 – Regras da acentuação: distinção entre “o aberto” e “o fechado”



A distinção entre /ɔ/ e /o/ motiva, mesmo entre nativos, hesitações e dúvidas, em especial quando se trata de palavras cuja pronúncia pode confundir-se com a de outra. Como Dal não era nativo e aprendeu o português em condições muito particulares, é natural que este aspeto atraísse a sua atenção, tentando auxiliar os aprendentes da língua portuguesa que certamente veriam naquela oposição fonológica uma dificuldade no exercício oral. Aquela oposição tinha especial repercussão na distinção entre algumas formas masculinas e as correspondentes femininas, conforme mostra o trecho abaixo reproduzido, onde se observa que o acento agudo marca a tónica fechada, e o circunflexo, por sua vez, a aberta. Ora, este modo de assinalar o timbre da tónica vai ao arrepio da tradição gramatical portuguesa, porquanto nesta o acento agudo indica uma vogal aberta e o circunflexo, pelo contrário, uma vogal fechada. Todavia, em algumas obras – veja-se o caso das *Regras da Lingua Portugueza. Espelho da Latina* (Argote 1725), gramática coetânea da de Dal –, por constringimentos tipográficos certamente, o impressor deita mão do acento grave para indicar a tónica aberta (“està” por está, “dirà” por dirá). Como se depreende da Figura 5, a vogal “média”, destacada com o acento agudo, é fechada.

Figura 5 – Distinção entre “o aberto” e “o fechado”



3.1.2. O vocabulário português-malabar

Integrado na *Quarta Parte da Grammatica Portugueza*, o *Vocabulario em Portuguez e Malabar* arrola as palavras que, de acordo com Dal, eram as mais usadas no “trato cotidiano”, com os “Vocabulos Malabares” “impressos com o caracter Tamul, e juntamente com letra Portugueza”.

Figura 6 – *Vocabulario em Portuguez e Malabar*

A

Abaixo	கீழே	kūre
abano	அச்சம்	wifari
A, B, C	அரி அரி	ariwari
abelha	தேள்	tēni (du)
aberto estar	நிறந்திருக்கிறது	tīrand-irūkkira-
abóbora	பழங்காய்	paṅghi-kāi
abóbora de agoa	சுண்டகாய்	furei-kāi (du)
abraçar	கட்டிக்கொள்ளுகிறது	kaṭṭikkōṭṭuḡhira-
abrir	நிறைக்கிறது	tīrākkiradu
abutre	கரடு	kaṭū
acabar de fazer	முடிக்கிறது	mūhikkiradu
acabou-se	அச்சது	āshudu
acarretar	சமக்கிறது	sīmākkiradu
ação	கீழை	kiṅḡhei
acordar do sono	முழிக்கிறது	mūhikkiradu
acordar a outro	எழுப்புகிறது	erūppuḡhiradu
acoflumar-se	பழகிறது	pāḡhiradu
acredor	கடன்சூததரன்	kaḍan-kudūtta-
açafraõ	மஞ்சள்	māñṣal (wari)
acenar	சாண்டகாட்டுகிறது	ṣāṇḍa-kaṭṭuḡhira-
		(du)
acender	பதகுதலிக்கிறது	pāṭṭaweikkiradu
acepillar	சூழ்க்கிறது	sūḡikkiradu
aço	எஃகு	erū
açoitar	அட்டிக்கிறது	aḍikkiradu
açúcar pó	சீனி	ṣīni
açúcar pedra	கமகண்டி	kaṭkāṇḍu

A achar

Importa elucidar, antes de mais, o significado de “malabar” ao tempo da missão de Tranquebar. De acordo com Dalgado (1919: 527), os estudiosos da chamada “língua

malabar” davam duas aceções a esse glossónimo, de origem toponímica: na primeira é sinónimo de “malaiala”, vale dizer, o “idioma falado no Malabar”; na segunda, é equivalente de “tamul (q.v.) falado na costa de Choromandel, por serem ambas as línguas muito parecidas”. “Tamul”, que em português tem as variantes “tamúlico” e “tamulense”, é palavra documentada desde o século XVI. A variante “tamil” assenta no glossónimo inglês. O tâmul é uma das línguas da família dravídica, falada na Índia meridional, mas no passado este nome abrangia toda a família linguística, e não apenas aquela língua. Por ser muito parecida com o malaiala, foi conhecida como “língua malabar”; porém, tâmul é o nome linguisticamente mais adequado (Dalgado 1919: 349). À data em que na missão dinamarquesa Dal redigia a sua *Grammatica Portugueza*, a denominação mais frequente era “língua malabar”, conforme se observa nos títulos de artes, dicionários e outras obras recenseadas por Lopes (1936).

Num breve parêntesis, vale a pena sublinhar que o conhecimento disponível sobre as línguas e as suas relações genéticas – não apenas as daquela região do mundo, mas também no ocidente – nos inícios do século XVIII não se ancorava em evidências morfológicas que só viriam a ser possíveis graças ao método histórico-comparativo. Ora, este desenvolveu-se no século seguinte, como consequência da revelação do sânscrito, o elo perdido, e da relação de parentesco entre línguas de várias famílias.

Do vocabulário do missionário de Tranquebar importa reter, por um lado, as palavras portuguesas que refletem as variedades da língua portuguesa com as quais contactava Nikolas Dal, e, por outro, aquelas que claramente espelham a influência da língua local, o tâmul ou tâmil que, como se viu, ao tempo da missão da Dinamarca se conhecia como “malabar”. Por limitações do escopo deste trabalho, apenas serão examinados alguns dos muitos exemplos que ilustrariam cabalmente cada uma das mencionadas camadas de léxico arrolado neste vocabulário bilingue.

Atente-se, então, em unidades lexicais que correspondem a um estrato antigo da língua. É o caso das seguintes: “acepilhar, acedor, alimpar (poindo, lavando, esfregando), almofaça¹³, amargoseira, depois de amanhã, ametade, apacentar, aqueitar, barrer, bassoura, bautismo, bautizar, bautizar-se, coceira¹⁴, corcova¹⁵, crecer, beatilha, cóvado,

¹³ De origem árabe, denomina uma “escova metálica para limpar cavalgaduras”, estando atestada no séc. XV (Houaiss 2001). A variante “almoface” tem registo no século XVI (Cunha 1994: 33).

¹⁴ Forma equivalente de “comichão, exalação”, palavra que se conservou no português brasileiro.

¹⁵ O mesmo que corcunda, geba ou giba (Houaiss 2001).

gorgoleta¹⁶, doudo, embigo, empola de agoa, empola no corpo, encruzar as pernas, engúrria, enveja, engatinhar, estar assentado, estar de cócaras, furar com verruma¹⁷, leicenso (i.e. leicenço), inchação, jubão (i.e. gibão¹⁸), lançol, lua cris¹⁹, maceira (i.e. macieira), ourina, ourinar, ourinol, pentem, escuridade, pirola, porçolana, rábão²⁰, sambixuga²¹, sarampão²², sobaco”.

Nas unidades lexicais acima reunidas, destacam-se as portadoras de “a-” inicial, todas elas características da língua antiga e clássica, e que, na língua padronizada e normativa, vieram a perder, na sua maioria, a referida vogal inicial, ficando aquelas formas relegadas para a esfera dialetal ou da linguagem popular. Do mesmo modo, foram reconstruídas formas como “enveja, embigo, empola, cocaras”, que até hoje circulam na linguagem popular.

A relatinização gráfica, a partir do século XV, levou a que “crecer”, forma antiga, fosse reconstruída graficamente com o grupo latino -SC-, que passou a ser pronunciado na língua padrão e normativa, conquanto em variedades dialetais conservadoras a realização antiga se mantenha.

Outros fenómenos relevantes são, por um lado, a oclusiva /b/ em *barrer*, *bassoura*, *sobaco*, e, por outro, as formas vernáculas *bautizar*, *bautizo*, fruto de vocalização, *doudo* (com o ditongo /ow/ sem alternância com /oj/), *pentem* (com a nasalidade final), *porçolana*, *lançol*, formas populares, e *ourina*, *ourinar*, *ourinol*, decorrentes da analogia semântica entre “ouro” e “urina”. O verbo *engatinhar* (i.e. andar à maneira do gato, gatinhar), que perdeu a vogal nasal inicial no português europeu, conservou-se, e é a forma geral, no português brasileiro; a mesma perda da nasal inicial se observa no verbo “encruzar” (i.e. pôr em forma de cruz, cruzar).

Refeito, na norma europeia, como “inchaço”, o nome “inchação” é infrequente no português europeu contemporâneo; porém, este nome conservou-se no português

¹⁶ É uma espécie de bilha de barro com gargalo longo e estreito, munido de ralo, por onde a água escoia, filtrando-se e fazendo um barulho característico (Houaiss 2001). Tem atestação em João de Barros (1540).

¹⁷ Instrumento, geralmente em ferro, para abrir furos na madeira.

¹⁸ Nome de uma antiga peça de vestuário que cobria os homens do pescoço até à cintura (Cunha 1994: 385). De origem árabe, foi veiculada pelo italiano antigo *gippone* (atual *giubbone*). A palavra está documentada desde o século XV.

¹⁹ Antiga denominação de eclipse lunar, documentada no século XV.

²⁰ Forma antiga de “rábano”, planta e sua raiz comestível.

²¹ Variante antiga de “sanguessuga”.

²² Antigo termo médico para “sarampo”, que é, por sua vez, um derivado regressivo daquela forma. Cunha (1994: 705) alvitra um empréstimo do “castelhano “sarampión”, deriv. do lat. SĪRĪMPIO, -ŌNIS”, com atestação em português desde século XVI. Já Houaiss (2001) situa-o no século seguinte (1661).

brasileiro. O caso de “escuridade” é um exemplo de mudança sufixal, porquanto o “afixo derivacional nominalizador” (Rodrigues 2013: 63) “-idade” foi substituído por “-idão”, igualmente nominalizador. Ambos os nomes assentam na base adjetival – “escuro”, pelo que são deajetivais (Rio-Torto e Rodrigues 2013: 136-137), mas o primeiro caracteriza um estado de língua mais antigo.

Na nomenclatura de Dal encontra-se a palavra “ciranda”, cuja origem é controversa, embora se aponte um étimo árabe (Nascentes 1932: 187; Machado 1977: 156; Cunha 1994: 185). Denomina uma “peneira” (Cunha 1994: 185) ou “aparelho para limpar a cal, a reia, etc. do cascalho, pedras, ou para limpar o grão das palhas” (Coelho 1890: 357).

No vocabulário bilingue de Dal figuram também nomes compostos “pedra de toque” e “pedra hume” (i.e. pedra-ume ou alúmen²³): o primeiro, com registo lexicográfico desde 1599 (cf. *Corpus Lexicográfico do Português*, <http://clp.dlc.ua.pt/DICIweb.aspx>), designa o material com que se avalia a pureza das pedras preciosas; o segundo, registado desde Jerónimo Cardoso (1569-1570), denomina o alúmen (mistura de sulfato de alumina e potassa), substância com propriedades adstringentes que, na medicina e farmacopeia antigas, era usado como cicatrizante de feridas.

Entre os nomes de aves que entram na nomenclatura do vocabulário português-tâmul de Dal, figuram “adem”, ave palmípede ou pato-real, com atestação lexicográfica desde Jerónimo Cardoso (1562) e “adibe”, nome de uma “espécie de chacal”. Incluída na nomenclatura do *Thesouro* de Bento Pereira (1647: 4v), esta palavra era usada na Índia (Bluteau 1712: 128: “Em Goa chamão *Adibe*, ou *Adiva* à Raposa”), informação corroborada por Dalgado (1919: 11), que aponta a variante “adive”, esclarecendo:

(Do ar. *ad-dhib*). É mesmo que chacal, q.v. *canis aureus* de Linneu. O termo já era conhecido na península antes da viagem de Vasco da Gama, e é comumente usado na Índia Portuguesa. Os adibes andam em bandos, uivam em côro durante a noite nos montes, e infestam as capoeiras e o canavial. Diz-se que seguem a pista do tigre que fez presa, a fim de lhe apanhar os restos. O adibe representa na fabulística indiana o **papel da raposa** europeia. V. Dozy.

Não menos digna de nota é a unidade lexical “zumbaia” (“zumbaia fazer”), vale dizer, ‘grande reverência, salamaleque’. Proveniente do malaio *sembahyang* ‘saudação reverencial’, está documentada no século XVI (Cunha 1994: 839), mas só é incorporada

²³ A forma “ume” está documentada no século XV, mas “alumen” ocorre já em 1344, e que depois seria dicionarizada por Jerónimo Cardoso (1569-1570).

à nomenclatura lexicográfica do português²⁴ no século seguinte (Pereira 1647: 97v), recebendo depois, em Bluteau (1721: 650), a marca diatópica “termo da Índia”. Em outras partes deste território equivalia a “gromenar”²⁵, segundo Bluteau. Porém, a forma “antiga e legítima” é “sumbaia” que não se encontra, segundo Dalgado (1919), nos dicionários portugueses, que também não aludem à origem da palavra, não obstante esta ter sido acertadamente sugerida, em 1540, por João de Barros (Dalgado 1919: 445-446).

Além destes, no vocabulário português-malabar²⁶ encontram-se exemplos de nomes de tecidos – “beatilha”²⁷, “cambolim”²⁸ –, medidas – “côvado”²⁹ – e doenças – “engúrria”³⁰, “cámaras (doença)”³¹, “bexigas (doença)”, “leicenso”³², “bustela”³³ (i.e. *bostela*), aos quais se acrescentam outros, que aqui não serão examinados, relativos a: atividades ou profissões (bailadeira, bailador, barbeiro, caçador, carpinteiro, cozinheiro, curtidor, costureira, despenseiro, escrava/escravo, escrivão, feiticeira, gaiteiro, sapateiro, tintureiro, entre outras); instrumentos musicais (castanheta, i.e. *castanhola* ou *estalo etim. esp*); animais (bezerro, boi, bugio, camelo, carneiro, cordeiro, égua, enguia, falcão, galinha choca, galo, garça, rato, raposa, sapo); produtos alimentares (cebola, ervilha, erva doce, canela, rábão, tâmara, vinagre); calçado (alparca³⁴); partes do corpo (artelho, beijo, cabeça); partes da casa (privada³⁵); instrumentos (rabola³⁶); árvores (figueira do inferno³⁷, ou seja, *datura stramonium*, que tem vários nomes populares).

²⁴ Adolfo Coelho (1890: 1210) regista-a com a marca de “termo cómico”.

²⁵ De acordo com Dalgado (1919: 444), “gromenare” é a ‘saudação muito respeitosa no Japão, zumbaia’.

²⁶ Sobre as obras que oferecem um contraste entre o português e esta e outras línguas asiáticas, veja-se Lopes (1936: 77-93).

²⁷ Variante de “baetilha” ‘pano de algodão de que se faziam toucas’.

²⁸ Tecido da antiga Pérsia.

²⁹ Do lat. CŪBITŪS, i, antiga medida de comprimento equivalente a 0,66 m.

³⁰ Variante popular de “angúrria” dificuldade em urinar. No século XIX, a doença denominava-se “strangúria” (Vieira 1871: 422; Coelho 1890: 109) ou “estrangúria” que, segundo Nascentes (1932: 52), provém do “gr. *strangouria* ‘urina às gotas’, pelo lat. STRANGURIA”.

³¹ Antigo termo médico para “diarreia”.

³² Trata-se de “leicenso”, nome vulgar de ‘furúnculo’. É palavra de origem obscura (Nascentes 1932: 455; Machado 1977: 400; Cunha 1994: 468).

³³ Do lat. vulgar PŪSTELLA- (de PUSTŪLLA- ‘pústula, bolha’), é o nome de uma pequena ferida com crosta (Cunha 1994:120).

³⁴ É o nome antigo de um tipo de calçado: “alpercata”, “alparcata” ou “alpargata”. Nascentes (1932: 34-35) propõe o “vasconço” como origem remota, mas Cunha (1994: 35) indica uma origem no árabe hispano, a partir de um possível étimo pré-romano. “Alparca” está documentada no século XV (Cunha 1994: 35). Segundo Coelho (1890: 86), esta forma já havia caído em desuso.

³⁵ Antiga denominação de latrina, retrete ou vaso sanitário. Com esta aceção, está registada desde o século XIV (Cunha 1994: 635; Houaiss 2001).

³⁶ Variante popular de “rebola” – regressivo de verbal de “rebolar” –, é o nome de uma ‘pedra para afiar ou amolar instrumentos cortantes’, Esta ‘mó giratória’ também era conhecida como “rebolo” (Nascentes 1932: 678; Coelho 1890: 1025), forma que, segundo Cunha (1994: 116), tem atestação no século XVII.

³⁷ Nome vulgar da planta denominada “*datura stramonium*”, de acordo com a nomenclatura científica de Lineu (1707-1778) também chamada “herva dos bruxos ou dos mágicos” ou “herva do diabo” (Vieira 1873:

O vocabulário português-malabar, recolhido na *Quarta Parte da Grammatica Portugueza*, compreende unidades lexicais que, não obstante terem origem portuguesa, na Índia adquiriram uma aceção específica, e, ainda, outras que eram oriundas de uma língua asiática.

Dentre as primeiras, é bom exemplo a unidade complexa “açúcar pedra” que, de acordo com Dalgado (1919: 448) é “como se denomina na Índia e em Macau e Timor o açúcar candi”. (q.v.), khadi sàkar em concani. No crioulo macaísta diz-se sucre-pedra”. Das segundas, refiram-se “chiripos” ‘tamancos’, palavra que provém do “tamul-malaiala *cherippu*” (Dalgado 1919: 275), estava documentada desde 1560 e era corrente em Goa.

Também de origem asiática, “guingão” é o nome de um “tecido de algodão, fino e lustroso. Do malaio: Origem etimológica: malaio *guingong*” (Dalgado 1919: 449), palavra que está documentada desde 1552, e a cujo respeito esclarece Dalgado:

O termo *guingong* é comum às línguas do Arquipélago Malaio, com o sentido de «cotonina listrada ou axadrezada», talvez derivado do tam. *kindan*, que quer dizer o mesmo. É pois da Malásia que o termo veio para a Europa.

A palavra local, “jagra” (Dalgado 1919: 447) denomina um “açúcar mascavado de palmeira ou de cana, em torrões ou em bloco *gôd* em concani”.

Acrescenta ainda Dalgado:

O termo é corrente em toda a zona do ázio-português. Indo-ingl. *jaggery, jagry*; indo-fr. *jagra, jágara, jagre*. A jagra é o açúcar da generalidade da população da Índia Portuguesa; os gentios, porém, não se servem de jagra de palmeira, mas somente da de cana. A sura de uma palmeira produz anualmente duas mãos ou cerca de 75 quilogramas de jagra. [...]. O étimo imediato é malaiala *chákkara*, que se liga ao sanscr. *çarkara* por intermedio das formas neo-árnicas *xakar, sakar, sakhar* (Dalgado 1919: 475).

Documentada desde 1523, na lexicografia contemporânea a palavra “jagra” recebe a marca de “regionalismo da Índia” (Houaiss 2001).

No vocabulário português-malabar, encontra-se “cambolim”, nome de uma “manta de lã, de ordinário parda, muito usada na Índia e na Pérsia. Do conc. *kamblem, kambal* < sanscr. *kambala*”, palavra atestada desde 1514. No dicionário Houaiss (2001), esta

670). A forma “estramónio”, com atestação em 1788, no Tratado de Botânica de Avelar Brotero (Houaiss 2001), resulta do aportuguesamento do nome lineano.

unidade recebe uma marca diatópica e diacrónica: “Regionalismo: Índia. Diacronismo: antigo” (Houaiss 2001).

Como exemplo de vocábulos de influência asiática, vejam-se, ainda, “faraz” e “nelle”: o primeiro denominava antigamente o “tratador de cavalos e esteiras”, embora o médico e naturalista Garcia de Orta (1499-1568) o usasse já com a aceção de “casta”, a mesma que lhe dá Dalgado (1919: 390); o segundo é o nome do “arroz em casca ou em planta”: “nelle”, cuja atestação remonta a 1554, equivale a “*bate* da zona árica”, sendo a denominação oriunda do “dravídico *nel, nellu*. A palavra é usada em “Macau e Timor e nos crioulos da Malásia” (Dalgado 1919: 104).

Os exemplos anteriores ampliam o rol de vocábulos que Dal incluiu na *Segunda Parte da Grammatica Portugueza* para ilustrar a prosódia portuguesa. Dessa extensa lista, apenas se examinarão aqui umas quantas palavras que mostram a riqueza do elenco vocabular compulsado na gramática portuguesa “para o uso da Escola Portugueza de Tranbambar”. Entre as unidades lexicais da *Segunda Parte*, destacar-se-ão as seguintes: “esfolagato” (Dal 1727: 19), vale dizer, ‘repreensão, censura’ e ‘maus tratos’, palavra já incluída na nomenclatura de Bento Pereira (1647: 48v), que Bluteau (1711: 241) regista como termo “chulo”, acrescentando que era uma ‘brincadeira de rapazes’; “enxacoco”, isto é, ‘falar mal uma língua estrangeira’, palavra de origem controversa, variante de “xacoco”³⁸ (Pereira 1647: 97); “pargana”, variante de “pragana”³⁹ ‘aresta, barba de uma espiga’, tem registo lexicográfico desde 1611; “gafém”⁴⁰ ‘antigo termo de medicina equivalente de “gafeira” (Bluteau 1713: 7), ou seja, “lepra” (Dal 1726: 20), palavra que entra na nomenclatura lexicográfica no século XVI (Cardoso 1562)⁴¹; “moêga” ‘peça de moinho, em forma de pirâmide invertida, onde se coloca o grão para moer’, também conhecida conhece como “canoura, dorneira, tegão, tremonha” (cf. *Dicionário Priberam*; Houaiss 2001); “parlanfroys” ‘perífrase, rodeio de palavras’, forma antiga incluída na nomenclatura do *Thesouro* (Pereira 1647: 73), equivalente a “parlanfrório” que, por sua vez, é popularmente “lábria” (‘conversa para enganar ou convencer’); “trangola” ‘homem alto, magro e feio’ entra na nomenclatura do *Thesouro* (Pereira 1647: 92v); “trancafio”

³⁸ É palavra de origem obscura.

³⁹ Tal como aquela, esta forma figura na nomenclatura lexicográfica do português desde 1611 (cf. *Diciweb*).

⁴⁰ Esta forma está documentada desde o século XIII (Cunha 1994: 374), enquanto que “gafeira” tem atestação no século XVI. Nascentes (1932) e Houaiss (2001) apenas incluem “gafa” e “gafeira”.

⁴¹ Nesta obra, ocorrem as duas palavras: “lepra” e “gafém” (cf. *Diciweb*, <http://clp.dlc.ua.pt/DICIweb.aspx>). “Gafeira” tem, por sua vez, registo lexicográfico desde finais do século XVI (Pereira 1647: 55v). Também denominava a “gafa” ou “ronha”, isto é, a sarna do gado, sendo que a primeira já se encontra num dicionário quinhentista (Cardoso 1562) e a segunda está igualmente recolhida no *Thesouro* de Bento Pereira.

‘fio branco, delgado, usado pelos sapateiros’ é palavra atestada em Bento Pereira (1647: 93v), relativamente à qual acrescenta Bluteau (1721: 287-288) que “depois de encerado [o fio], serve para ajuntar o couro ao talão do sapato”.

Esta simples amostra da diversidade do léxico recolhido na *Grammatica Portugueza*, contemplando unidades lexicais de uma grande variedade de domínios, terminologias e níveis de língua, ilustra bem a riqueza da obra de Dal como fonte linguística.

Notas conclusivas

Estudada no âmbito de trabalhos relativos à missão dinamarquesa e à influência portuguesa na Índia, a *Grammatica Portugueza* ainda não tinha sido examinada do ponto de vista da história da gramática portuguesa e da história da língua. É uma obra redigida por um não nativo de português – Nikolaus Dal –, que o aprendeu em contexto de missão, tendo como destinatários alunos da escola portuguesa, também eles não nativos, que poderiam conhecer ou falar alguma variedade indo-portuguesa.

Como instrumento didático elaborado para a missão de Tranquebar, na qual trabalhavam missionários e funcionários que falavam ou conheciam várias línguas europeias, como se observou acima, a gramática ali impressa constitui um exercício multilíngue, porquanto, ademais do confronto entre o português e vários idiomas europeus, com destaque para o alemão, que era a língua materna de boa parte dos missionários, também contempla um contraste entre a língua portuguesa e o tâmil (a “língua malabar”). Ora, boa parte do interesse historiográfico desta obra reside precisamente nesse exercício contrastivo, num território em que o português não seria, em bom rigor, língua materna de ninguém, e, possivelmente, tendo em conta as considerações de Dal a respeito das categorias de falantes e de variedades da língua portuguesa em Tranquebar, nem sequer seria a L2 (segunda língua) da maioria dos que circulavam na missão dinamarquesa.

Era, contudo, uma língua que, também em Tranquebar, por força da influência portuguesa em vários territórios da Índia, tinha nas primeiras décadas de Setecentos um papel comunicativo suficientemente relevante para motivar a redação e a impressão de uma gramática adaptada ao contexto linguístico local. Com efeito, a divisão da gramática em quatro partes visa proporcionar um recurso didático que refletisse a diversidade de línguas maternas e não maternas usadas ou conhecidas na missão, procurando responder, ao mesmo tempo, às dificuldades específicas e às necessidades práticas dos aprendentes. É o que demonstra a *Primeira Parte da Grammatica Portugueza*, dedicada,

exclusivamente, à conjugação dos verbos, já que a redução da flexão verbal caracterizava as variedades crioulas indo-portuguesas. Outro tanto poderá concluir-se a respeito da *Segunda Parte*, que privilegia aspetos prosódicos que certamente dificultavam a aquisição de um português “puro”, na expressão de Dal. O mesmo se observa na *Terceira Parte* e na *Quarta*, focadas na dimensão fraseológica – enunciados proverbiais –, que de algum modo exemplifica a sintaxe.

Embora a análise dos exemplos aqui aduzidos não esgote a riqueza do material linguístico em apreço, ter-se-á mostrado que a *Grammatica Portuguesa para uso da escola Portuguesa de Trangambar* merece ser devidamente valorizada no contexto da gramaticografia portuguesa produzida fora da Europa, em concreto no continente asiático. Testemunho da influência portuguesa na costa do Coromandel, ainda nas primeiras décadas do século XVIII, esta gramática tem, como se viu, valor historiográfico e linguístico não só pelos vários exercícios contrastivos que oferece, como também pelos muitos dados relativos à língua portuguesa naquela região.

Referências bibliográficas

ARGOTE, D. Jerónimo Contador de (1725) *Regras da Lingua Portuguesa, Espelho da Latina*. Segunda impressão. Lisboa Occidental: Na Officina da Musica.

BARTHOLOMÄUS (2012) «Introduction». Em *Bibliotheca Malabarica*, ed. e trad. por W. Sweetman & R. Ilakkuvan, (1-). Institut Français de Pondichéry. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/books.ifp.625>

BLUTEAU, D. Rafael (1712-1728). *Vocabulario Portuguez, & Latino*. 10 vols. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu (vol. 1 - Letra A, vol. 2 – Letras B-C; 3º vol. – Letras D-E, 1712; vol. 4 – F-J, Letras, 1713); Lisboa: Na Officina e Paschoal da Sylva (vol. 5 – Letras K-N; vol. 6 – Letras O-P, 1720; vol. 7 – Letras Q-S, 1720; vol. 8 L Letras T-Z, 1721); *Supplemento*, 1º vol. (1827). Lisboa: Na Patriarcal Officina da Musica; *Supplemento*, 2º vol. (1828). Lisboa: Na Officina de Joseph Antonio da Sylva.

BUESCU, Leonor Carvalhão Buescu (1983). *O estudo das línguas exóticas no século XVI*. Col. Biblioteca Breve. Lisboa: ICALP. Disponível em <<http://cvc.instituto-camoes.pt/conhecer/biblioteca-digital-camoes/pensamento-e-ciencia.html?limit=20&limitstart=20>>. Acesso em: 10, abr., 2024.

BOXER, Charles (2002). *O império marítimo português*. São Paulo: Companhia das Letras.

CARDOSO, Hugo C. (2006) «Challenges to Indo-Portuguese across India». Em *Proceedings of the FEL X*, ed. por R. Elangayan, R. McKenna Brown, N. Ostler & M.K. Verma, pp.23-30. Mysore: Central Institute of Indian Languages.

CARDOSO, Hugo C. (2010) «African slave population of Portuguese India: Demographics and impact on Indo-Portuguese». *Journal of Pidgin and Creole Languages* 25.1, 95-119.

CARDOSO, Hugo C. (2014) «Factoring sociolinguistic variation into the history of Indo Portuguese». *Revista de Crioulos de Base Lexical Portuguesa e Espanhola*, 5, 87-114.

CARDOSO, Hugo C. (2016) «O português em contacto na Índia». Em *Manual de Linguística Portuguesa*, ed. por Ana Maria Martins e Ernestina Carrilho, pp. 68-97. MRL 16. Berlin/Boston: De Gruyter.

CARDOSO, Jerónimo (1562) *Hieronimi Cardosi Dictionarium Iuventuti studiosae admodum frugiferum*. Coimbra: João Álvares.

CARDOSO, Jerónimo (1569-1570) *Dictionarium latinolusitanicum & vice versa lusitanicolatinum cum adagiorum fere omnium iuxta seriem alphabeticam perutili expositione*. Coimbra: João de Barreira.

CARDOSO, Simão (compil. e org.) (1994) *Historiografia gramatical (1550-1920)*. Língua Portuguesa – Autores Portugueses. Porto: Faculdade de Letras.

COELHO, Francisco Adolfo (1890) *Diccionario Manual Etymologico da Lingua Portugueza contendo significação e prosódia*. Lisboa: P. Plantier-Editor.

CORPUS LEXICOGRÁFICO DO PORTUGUÊS. Universidade de Aveiro / Universidade de Lisboa. <<http://clp.dlc.ua.pt/DICIweb.aspx>>. Acesso em 23, março, 2024.

CUNHA, António Geraldo da (1994) *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. 2ª ed., 6ª impress. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

DAL, Nicolau (1725). *Primeira Parte da Grammatica Portugueza, convem a saber as Conjugações dos Verbos Regulares e Irregulares para uso da Escola Portugueza de Trangambar*. Trangambar: Na Officina da Real Missão da Dinamarca.

DAL, Nicolau (1726). *Segunda Parte da Grammatica Portugueza convem a saber A Prosodia, ou Accentuação das Dicções Portuguezas, Proposta em Regras e Exemplos, como tambem em Vocabulario de Nomes Accentuados, Conforme a ordem de A, B, C. para o uso da Escola Portugueza de Trangambar*. Trangambar: Na Officina da Real Missão da Dinamarca.

DAL, Nicolau (1732^[1726]). *Terceira Parte da Grammatica Portugueza convem a saber os Adagios mais uteis e usados, que em parte mostram como as cousas succedem as cousas no mundo. Juntamente com algumas Phrases Adagiaes e Noticias Historicas. Para o uso da Escola Portugueza de Trangambar*. Segunda Impressão. Trangambar: Na Officina da Real Missão da Dinamarca.

DAL, Nicolau (1731). *Quarta Parte da Grammatica Portugueza, convem a saber hum Vocabulario em Portuguez, e Malabar, que contem os Nomes, Verbos, Adverbios de ambas as Lingoas, que são mais usados no trato cotidiano, e dos quaes os vocábulos*

malabares vão impressos para o uso da Escola Portugueza de Trangambar. Trangambar: Na Officina da Real Missão da Dinamarca.

DAL, Nikolaus (1733) «Nachricht von den Portugiesen in Indien». Em *Drey und dreyßigste CONTINUATION Des Berichts Der Königlichen Dänischen Mißionarien in Ost-Indien / Worin eine Ausfuehrliche Nachricht Von der gantzen Verfassung der Mißion, Wie auch Die Fortsetzung des Tage-Registers vom Jahr 1731. und einige Briefe der Herren Mißionarien enthalten, Nebst einem Anhang Von der Evangelischen Mission zu Madras*, publ. por Gotthilf August Francken pp. 917-924. Halle.

DALGADO, Sebastião Rodolfo (1917). «Dialecto Indo-Português de Negapatão». *Revista Lusitana*, 20, 40-53.

DALGADO, Sebastião Rodolfo (1919) *Glossário Luso-Asiático*. Coimbra: Imprensa da Universidade.

DELICADO, António (1651) *Adagios portuguezes reduzidos a lugares comuns*. Lisboa: Domingos Lopes Rosa.

DICIONÁRIO PRIBERAM DA LÍNGUA PORTUGUESA. On-line. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/>. Acesso em 24, fev., 2014.

FEIJÓ, João de Moraes Madureira (1734) *Orthographia, ou arte de escrever, e pronunciar com acerto a lingua portugueza para uso do excellentissimo Duque de Lafoens / pelo seu mestre João de Moraes Madureyra Feyjo*. Lisboa Occidental: Na Officina de Miguel Rodrigues, Impressor do Senhor Patriarca. Disponível em: < <https://purl.pt/13> >. Acesso em: 11, abr.,2024.

FLUCK, Marlon Ronald (2021) «A tradução e a distribuição da Bíblia em língua portuguesa através da missão de Tranquebar (1706-1765) como parte da história da mídia do protestantismo». *AD AETERNUM – Revista de Teologia*, nº 2, 39-63.

FREIRE DA SILVA, Mário J. & Tiago C. dos Reis MIRANDA (coord.) (2018) *Libros relege, volve, lege. O livro antigo na Biblioteca do Exército*. Lisboa: Biblioteca do Exército.

GONÇALVES, M^a Filomena (2009) «Contribuciones para el estudio de la paremiología portuguesa: el *Florilegio dos modos de fallar, e adagios da Lingoa Portugueza (1655)*». *Paremia*, 18, 153-162.

GONÇALVES, M^a Filomena (2018) «A língua portuguesa e a tríade codificadora». Em *Libros relege, volve, lege. O livro antigo na Biblioteca do Exército*, coord. por Mário J. Freire da Silva e Tiago C. dos Reis Miranda, pp. XXXX. Lisboa: Biblioteca do Exército.

GONÇALVES, Maria Filomena (2019) «El arte de definir en los *Tratados da Terra e Gente do Brasil* del misionero portugués Fernão Cardim». Em *Estudios de Lingüística en Homenaje a Emilio Ridruejo*, vol. I., coord. por Antonio Briz, M^a. José Martínez Alcalde, Nieves Mendizabal, Mara Fuertes, José Luis Blas, Margarita Porcar, pp. 623-636. València: Publicacions de la Universitat de València.

GONÇALVES, Maria Filomena (2024) «Contribuições para o estudo do português falado do século XVIII: o Compendio de Orthografia (1767) de Monte Carmelo». Em *Randromania im Fokus. Gesprochenes Galicisch, Portugiesisch und Rumänisch*, ed. por Aurelia Merlan e Barbara Schäfer-Prieß. Reihe Romanistische Arbeiten interkulturell und interdisziplinär, Herausgegeben von Rafael Arnold, Thomas Johnen, Aurelia Merlan, Jürgen Schmidt-Radefeldt und Rudolf Windisch, pp. 393-416. Lausanne – Berlin – Bruxelles – Chennai – New York – Oxford: Peter Lang.

GONÇALVES, Maria Filomena e, Clotilde MURAKAWA (2009) «Lexicografia implícita en textos del Padre Jesuita Fernão Cardim». Em *Missionary Linguistics IV – Lexicography*, ed. por O. Zwartjes, R. Arzápalo Marín, Th. Smith-Stark, pp-233-248. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.

GRANGER, Sylviane & Fanny MEUNIER (eds.) (2008). *Phraseology: An interdisciplinary perspective*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.

HOUAISS, Antônio (2000aremioly1) *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objectiva. CDRom.

HRISTOVA-GOTTHARDT, Hrisztalina & Melita Aleksa VARGA (ed.) (2014). *Introduction to Paremiology: a comprehensive guide to prover studies*. Berlin/Munich/Boston: De Gruyter.

LIEBAN, Heike (2018). *Cultural encounters in India. The local co-workers of the Tranquebar mission, 18th to 19th centuries*. Translat. from the German by Rekhe V. Rajam. London/New York: Routledge.

LOPES, David (1936). *A expansão da língua portuguesa no Oriente nos Séculos XVI, XVII e XVIII*. Barcelos: Portucalense Editora.

MACHADO, José Pedro (1977). *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. 5 vols.. Lisboa: Livros Horizonte.

MARQUILHAS, Rita (2013). «Fenómenos de mudança na história do Português». Em *Gramática da Língua Portuguesa*, I, org. por E. B. Paiva Raposo, M^a F. Bacelar do Nascimento, M^a Antónia Coelho da Mota, Luísa Segura e Amália Mendes, pp.17-45. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

MATOS, Luís de (1968). «O português como língua franca do Oriente. Em *Colóquios sobre as províncias do Oriente*, vol. 2. Estudos de Ciências Políticas e Sociais, 81, pp. 11-23. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar / Centro de Estudos Políticas e Sociais.

MONTE CARMELO, Fr. Luís do (1767). *Compendio de Orthographia* [...]. Lisboa: Officina de Antonio Rodrigues Galhardo. Disponível em: <<https://purl.pt/9>>. Acesso em 24, mar., 2024.

MURU, C. (2018). «Early Descriptors and Descriptions of South Asian Languages from the 16th Century Onwards». *Journal of Portuguese Linguistics* 17(1), 8. doi: <https://doi.org/10.5334/jpl.202>

MURU, C. (2021). «How missionaries applied Portuguese and Latin descriptive categories in the classification and explanation of verb conjugations and *paired* verbs of Tamil». *Journal of Portuguese Linguistics*, 20(1), 8. <doi: <https://doi.org/10.5334/jpl.268>>

NASCENTES, Antenor (1932). *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves.

NIECAMP, Jean-Lucas (1745). *Histoire de la mission danoise dans les Indes Orientales*, trad. de l'allemand. Genève: Chez Henri-Albert Gosse & Comp. Libraires & Imprimeurs.

PEREIRA, Bento (1647) *Thesouro da Língua Portuguesa*. Em Lisboa: Na Officina de Paulo Craesbeeck, & à sua custa.

PEREIRA, Bento (1655). *Florilegio dos modos de fallar, e adagios da lingoa portuguesa: dividido em duas partes: em a primeira das quaes se poem pella ordem do alphabeto as frases portuguesas, a que correspondem as mais puras, & elegantes latinas: na segunda se poem os principaes adagios portugueses, com seu latim prouerbial correspondente: pera se aiuntar a Prosodia, & Thesouro portugues, como appendiz, ou complemento*. Lisboa: Paulo Craesbeeck, & à sua custa.

PEREIRA, Bento (1672). *Ars grammaticae pro lingua lusitana addiscenda latino idiomate proponitur*: in hoc libello, velut in quadam academiola divisa in quinque classes, instructas subselliis, recto ordine dispertitis, ut ab omnibus tum domesticis, tum exteris frequentari possint / authore P. Doct. Benedicto Pereira. Lugduni: Sumptibus Lautentii Anisson.

RIO-TORTO, Graça & Alexandra Soares RODRIGUES (2013). «Cap. 2. Formação de nomes». Em *Gramática derivacional do português*, 2ª ed., por Graça Rio Torto (coord.), Alexandra Soares Rodrigues, Isabel Pereira, Rui Pereira e Sílvia Ribeiro, pp. 135-240. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

RODRIGUES, Alexandra Soares (2013) «Capítulo 1. Noções basilares sobre a morfologia e o léxico». Em Graça Rio Torto (coord.), Alexandra Soares Rodrigues, Isabel Pereira, Rui Pereira e Sílvia Ribeiro, *Gramática derivacional do português*, 2ª ed., pp. 35-133. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

SLETSJOE, Leif (1968). «Les premières études portugaises en Scandinavie (du XVIIème au XIXème siècle: la Grammaire de Trangambar – Le manuscrit de Rasmus Rask». *Revue Romane*, Bind 3, 52-65.

Disponível em: <https://tidsskrift.dk/revue_romane/article/view/28833/25279>. acesso em 22, fev., 2024.

SWARTJES, Otto (2011). *Portuguese missionary grammars in Asia, Africa and Brazil, 1550-1800*. Amsterdam studies in the theory and history of linguistic science. Series III, Studies in the History of the Language Sciences. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.

THOMAZ, Luís Filipe F. R. (1990). "A língua portuguesa em Timor", Em *Actas do Congresso sobre a situação actual do português no mundo*, vol. 1, 2ª ed., pp. 313–339. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.

VASCONCELOS, José Leite de (1987[1901]) *Esquise d'une dialectologia portugaise*, 3ª ed. por Maria Adelaide Valle Cintra. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica.

VERDELHO, Telmo (2008) *O encontro do português com as línguas não europeias. Exposição de textos interlinguísticos*. Lisboa: Biblioteca Nacional.

VIEIRA, Fr. Domingos (1871-1874) *Grande Diccionario Portuguez ou Thesouro da Lingua Portugueza*, 4 vols. (vol. 1, 1871; vol. 2. 1873; vol. 3, 1873; vol. 4, 1873 ; vol. 5, 1874) (Porto: Em Casa dos Editores Ernesto Chardron e Bartholomeu H. de Moraes.

ZIEGENBALD, B. (1716) *Grammatica Damulica, quae pervaria paradigmata, regulas & necessarium vocabulorum apparatus, vian brevissimam monstrat, que lingua Damulica seu Malabarica [...]*. Halle an der Saale: Orphanotrophei.